

Economia

TRABALHO

# Desemprego na Capital chega a 11,3% em abril

Taxa cresceu consideravelmente em relação aos 10,8% de março

Guilherme Daroit  
daroit@jornaldocomercio.com.br

Após vários meses de relativa estabilidade, abril marcou um pequeno salto na taxa de desemprego da Região Metropolitana de Porto Alegre. Segundo os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED-RMPA), o indicador chegou a 11,3% no mês, crescimento considerável em relação aos 10,8% vistos em março e primeira vez desde setembro que a taxa chega à marca dos 11%.

O cenário visto no mês é, de certa forma, o mesmo que se repete desde o início da crise: há menos gente trabalhando, mas há também, ao mesmo tempo, menos gente no mercado de trabalho, o que ajuda a conter a taxa. A População Economicamente Ativa (PEA), que engloba todos os trabalhadores ocupados ou procurando ocupação, caiu 1,5% em abril, totalizando 1,796 milhão de pessoas. Com isso, a taxa de participação, que calcula os ativos em relação aos habitantes com 10 anos de idade ou mais, caiu a 50,5%, o menor va-

lor de toda a série histórica.

Mesmo com os trabalhadores saindo do mercado de trabalho, porém, o desemprego cresce porque a queda no número de ocupados é ainda maior. Ao todo, 34 mil vagas foram eliminadas, queda de 2,1% sobre o número total de ocupados. No fim das contas, foram 6 mil desempregados a mais em abril, um aumento de 3%, totalizando um contingente de 203 mil pessoas desocupadas na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Embora sigam a tendência dos últimos meses, os dados de abril chamaram a atenção dos pesquisadores quanto à composição do desemprego. Um dos pontos, por exemplo, é que, como o desemprego aberto se manteve praticamente estável (passou de 9,8% para 9,9%), é possível concluir que a taxa cresceu principalmente no que se chama de desemprego oculto - aqueles trabalhadores que ou recorreram ao trabalho precário, os famosos "bicos", ou que desistiram da procura por uma vaga por desalento quanto à chance de efetivamente conseguí-la.

"Tivemos também uma redução na indústria, que vinha de resultados positivos e, em abril, mostrou uma grande retração", comenta Iracema Castelo Branco, economista da Fundação de Economia e Estatística (FEE), uma das instituições que realiza a PED-RMPA. O número de vagas no setor fabril caiu 13,6% no mês, eliminando 38 mil postos de trabalho. Segundo Iracema, ainda não é possível afirmar se a queda é pontual ou marcará o início de uma trajetória de cortes na indústria da região.

Já em relação às posições, a maior parte dos cortes continuou vindo das vagas mais qualificadas, no setor público (-2,8%) e entre os assalariados com carteira assinada do setor privado (-3,8%). Em contrapartida, as mais precárias, como autônomos (+3,6%), empregados domésticos (+2,9%) e assalariados sem carteira assinada (+1,1%) cresceram em abril. O dado positivo, porém, ficou por conta dos rendimentos médios dos ocupados, que, embora ainda muito abaixo dos patamares de 2015 e até de 2016, cresce-



MARCELO G. RIBEIRO/JC

Região agora tem 203 mil pessoas sem trabalho, aponta pesquisa

## DESEMPREGO NA RMPA (EM MIL PESSOAS)

	Abr/17	Mar/17	Abr/16	Varição (mês)	Varição (ano)
Ocupados	1.593	1.627	1.686	-2,1%	-5,5%
Desempregados	203	197	198	+3%	+2,5%
População Economicamente Ativa (PEA)	1.796	1.824	1.884	-1,5%	-4,7%
Taxa de desemprego (%)	11,3	10,8	10,5	4,6%	7,6%

FONTE: PED-RMPA

ram 0,5% em março (a pesquisa sobre os salários é feita em relação ao mês anterior). Entre os assalariados, o aumento foi ainda maior, de 1,5%, chegando aos R\$ 1.867,00. Entre os autônomos, porém, o valor continuou a cair, chegando aos R\$ 1.578,00 (-3,4%). "Percebe-se uma tendência das

pessoas de fugirem para estratégias de sobrevivência, como o trabalho autônomo, que não geram riqueza. Quanto mais gente recorre a essa saída, mais se divide o bolo, e mais a renda média cai", alerta Lúcia Garcia, economista do Dieese, outra das entidades que promovem a pesquisa.

## País soma 14 milhões de desocupados, calcula o IBGE

A taxa de desemprego subiu a 13,6% no trimestre encerrado em abril, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Mensal divulgados ontem pelo IBGE. Com isso, o número de desempregados ficou em 14 milhões, uma alta de 23,1% em relação ao mesmo período do ano passado - o que corresponde a um acréscimo de 2,6 milhões de brasileiros à fila de desempregados, na comparação anual.

Em relação a janeiro, último dado comparável com a taxa de abril, houve alta de 8,7%, equivalente a 1,1 milhão de pessoas. No trimestre encerrado em janeiro a taxa havia sido de 12,6%. Já a registrada no período de fevereiro a abril de 2016 foi de 11,2%.

Apesar de ainda alto, o número de desempregados no País cresce mais lentamente, quando comparado ao ano passado. Em abril passado, a alta da população desocupada chegou a 18,6%, bem maior que os 8,7% registrados neste ano. Na comparação anual, a alta deste ano, de 23,1%,

também é inferior à registrada no ano passado, quando o salto frente ao mesmo período foi de 42,1%.

Mas a alta mais gradativa do número de desempregados pode não estar necessariamente relacionada a uma melhora do mercado de trabalho, explica Cimar Azeredo. O número de desempregados também pode estar caindo influenciado por pessoas que perderam o emprego e desistiram de procurar uma nova colocação. "O que pode estar explicando a redução da desocupação? As pessoas estão desistindo de procurar trabalho. Podem ir para o lado de insuficiência de horas trabalhadas ou para o lado do desalento", afirmou Cimar Azeredo.

A população ocupada caiu 1,5% na comparação anual, para 89,2 milhões de pessoas. Ou seja, foram perdidos 1,4 milhão de postos de trabalho, na comparação com o mesmo período do ano passado. Na comparação com o trimestre encerrado em janeiro, a queda foi de 0,7%. A combinação entre a queda da ocupação e o aumento da deso-

cupação resultou na alta da taxa de desemprego. O resultado de abril é inferior ao registrado no trimestre encerrado em março, que foi de 13,7%. No entanto, o IBGE compara com o de janeiro por causa da metodologia chamada de trimestres móveis. O número de janeiro é o último sem interferência dos números de fevereiro e março.

Na comparação com o ano passado, o número de empregados com carteira assinada recuou 3,6%, para 33,3 milhões de pessoas. Este é o menor contingente de trabalhadores com carteira desde o início da série histórica, iniciada em 2012. Considerando apenas os meses de abril, a taxa de desemprego de abril também é a maior da série histórica.

O rendimento do brasileiro ficou estatisticamente estável, em R\$ 2.107,00, tanto na comparação em relação ao trimestre anterior, como na comparação anual. Apesar da taxa ainda alta, os dados mostram alguns sinais de recuperação do mercado de trabalho.

## Governo teria mais de 280 votos para a reforma da Previdência

O relator da reforma da Previdência na Câmara, deputado Arthur Oliveira Maia (PPS-BA), afirmou que o governo conta com "mais de 280 votos" para aprovar a proposta na Casa. Ele afirmou que o número de votos "mudou pouco" após as delações da JBS, mas reconheceu que as denúncias contra o presidente causam uma "dúvida de crise política" e precisam ser superadas rapidamente.

"Estamos em um patamar muito próximo do necessário em votos para aprovar a reforma", disse o deputado em coletiva de imprensa durante o Fórum de Investimentos Brasil 2017, em São Paulo. "Eu acho que nós já temos, seguramente, mais de 280 votos."

Além disso, o relator afirmou que o Congresso está na expectativa do julgamento da chapa Dilma-Temer no Tribu-

nal Superior Eleitoral (TSE) e que mesmo se houver um pedido de vistas, interrompendo o julgamento, o Congresso tem condições de avançar na apreciação da reforma. O julgamento será retomado pela corte eleitoral no próximo dia 6.

"Não é possível que um ministro peça vistas, que ele não tem prazo para devolver o processo, e o Parlamento fique de braços cruzados esperando que um dia esse processo seja devolvido para a pauta para que o Brasil possa andar", disse o deputado. "Me perdoa, mas se houver um pedido de vistas, nós temos que tocar a reforma, temos que andar com isso no Congresso Nacional", enfatizou. Ele destacou que é preciso esperar o dia 6 de junho para definir o andamento da reforma na Câmara.